



## **Entre lutas e conquistas, a celebração da Agroecologia na boca do povo nas ruas do Rio de Janeiro**

Fernanda Savicki de Almeida

Presidente da Associação Brasileira de Agroecologia; FIOCRUZ Ceará

Boa noite a todas, todos e todes,

Peço licença aos mais velhos e às mais velhas, aos representantes de povos indígenas e povos e comunidades tradicionais aqui presentes, à nossa ancestralidade. Cumprimentamos e agradecemos a presença de cada pessoa que compõe o XII Congresso Brasileiro de Agroecologia. Somos mais de 5.000 pessoas credenciadas neste grande encontro. Vimos das 27 unidades da federação. Acolhemos também companheiros e companheiras de mais 20 países, principalmente de nossos vizinhos na América Latina, mas também da África e da Europa. Sejam todas e todos muito bem-vindos!

Este ano completamos duas décadas do primeiro Congresso Brasileiro de Agroecologia. Desde 2007, a Associação Brasileira de Agroecologia promove o CBA a cada dois anos. Essa sequência foi interrompida em 2021 pela pandemia da Covid 19. A decisão de não realizar o CBA em sistema virtual foi motivada pelo entendimento de que o CBA não é um simples evento: ele integra um processo histórico de construção e afirmação da agroecologia enquanto uma ciência crítica que entende o conhecimento como um bem comum a serviço de causas emancipatórias e que se posiciona frontalmente contra todas as formas de colonização e imposição de valores e modos de vida em nome de uma suposta superioridade da razão científica ocidental.

Os dois últimos encontros nacionais do campo agroecológico, o IV Encontro Nacional de Agroecologia, organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia - ANA e o XI CBA, organizado pela ABA, foram realizados após o golpe que destituiu o governo da presidenta Dilma Rousseff. Não sem razão, os dois encontros ressaltaram a luta pela democracia em seus lemas. Agroecologia e democracia se constroem mutuamente. Sem democracia não há agroecologia. Sem o avanço da agroecologia, seguiremos sendo a sociedade injusta e brutal que herdamos de nossa formação histórica.



O período transcorrido desde o golpe até a posse do presidente Lula, em janeiro deste ano, revelou o papel destrutivo para a sociedade brasileira do desmonte das instituições democráticas. Foi neste período que a fome e a desnutrição voltaram a assolar o povo brasileiro e que as desigualdades sociais se aprofundaram. A natureza foi devastada a um ritmo sem precedentes, como resultado do aprofundamento de um modelo econômico que depende da exploração voraz dos ecossistemas para se reproduzir. Falsas soluções para as crises ambiental e climática geradas por esse mesmo modelo foram impostas, gerando mais devastação e exclusão. Como resultado, temos hoje uma sociedade mais violenta, com a multiplicação de assassinatos de lideranças populares, do feminicídio, do morticínio e o encarceramento em massa da juventude negra, com mais negação de direitos territoriais de povos indígenas, de povos e comunidades tradicionais, da agricultura familiar camponesa e das populações das favelas e periferias urbanas. Em memória às centenas de milhares de vidas perdidas na pandemia por conta do negacionismo criminoso e autoritário do governo federal instalado no período de 2019 a 2021, estamos aqui para reafirmar a agroecologia como condição para o aprofundamento da democracia e a superação das estruturas de poder que em vários sentidos mantêm a sociedade brasileira atada ao seu passado colonial.

A realização do XII CBA durante a Semana da Consciência Negra na cidade do Rio de Janeiro é uma opção política coerente com a trajetória de construção da agroecologia no Brasil. É com profundo respeito à memória de luta do povo negro que a ABA e a comissão organizadora deste CBA se propuseram a realizar o Congresso neste período e o trazer para este lugar. Muito perto de onde estamos agora está situado o Cais do Valongo, o principal porto de entrada de africanos sequestrados e escravizados nas Américas. Seu soterramento por mais de cem anos é expressão material da tentativa de apagamento da memória do horror da escravidão. Sem que essa memória seja resgatada, da mesma forma como o cais veio à tona, jamais o racismo estrutural em nossa sociedade será superado.

A luta contra a invisibilização de saberes e memórias do povo é a luta da agroecologia. Sobre esse aspecto, a carta de nosso último Congresso, realizado em Sergipe, afirmava que a perspectiva hegemônica de produção do conhecimento científico se pauta na perpetuação de processos de dominação elitistas, patriarcais e racistas, aliados das questões ambientais e sociais mais profundas, o que reproduz e pereniza o modelo capitalista neoliberal global.

Com o lema “Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares”, o belíssimo “CBA do Nordeste”, reconhecido como o CBA das resistências, realizado em 2019, ancora um importante legado, apontando a (...) “Ecologia de Saberes



como uma abordagem teórica, metodológica e política que reconhece e coloca em diálogo crítico e permanente os distintos saberes e conhecimentos construídos nas universidades, centros de pesquisas, institutos federais, escolas do campo e das cidades, bem como nas comunidades rurais e urbanas, questionando a lógica colonizadora, eurocêntrica, racista, patriarcal, LGBTQI+fóbica e etnogenocida”.

A mesma carta, em sua continuidade, discorre sobre o acirramento das desigualdades sociais, fome, pobreza e destruição da Natureza, machismo e racismo estruturais. Alerta ao desmatamento da Amazônia e do Cerrado, que, dois anos após a escrita da Carta, chegou a estarrecedores índices 20% maiores em 2021. O desmatamento e a mudança de uso do solo foram os maiores responsáveis em 2021, pelo aumento das emissões de gás carbônico na atmosfera no país, aportando 12,4% a mais de gases em relação a 2020, conforme dados apresentados pelo Observatório do Clima. O acesso aos bens comuns é mais um tema fundamental no debate agroecológico. Segundo denúncia da Agência Pública, 50 grupos empresariais asseguraram o direito de captar para si uma quantidade de água suficiente para abastecer 93,8 milhões de pessoas. É fundamental destacar que a seca na Amazônia e as inundações no Sul são fruto de um mesmo fenômeno relacionado às mudanças climáticas, no qual o agronegócio é diretamente responsável com seu modelo predatório e destruidor da Natureza.

Destacamos a lama tóxica da mineração e toda a sua cadeia de morte, que também deixou marcas nos povos amazônidas e chamamos atenção aqui o genocídio dos povos Munduruku e Yanomami, bem como fazemos nossa homenagem a Bruno Pereira e Don Phillips, mortos por essa milícia do complexo agro-hidro-mineronegócio, responsáveis pela violência e morte de comunidades, lideranças, representantes e pessoas que denunciam, resistem e salvaguardam nossos bens comuns no campo e nas cidades. Conforme dados da Campanha Nacional contra a Violência do Campo e em defesa dos Povos do Campo, Floresta e Águas, verificou-se um aumento de 75% dos assassinatos de pessoas que atuam na defesa da terra, do território, dos Direitos Humanos e da natureza no Brasil.

Ao nos referirmos a lutadores e lutadoras do povo que nos deixaram recentemente, trazemos à memória Ana Primavesi e Carlos Rodrigues Brandão, inspiradores do pensamento agroecológico no Brasil. Recordamos também de Adilson Paschoal, falecido a menos de uma semana. Ao cunhar o termo agrotóxico, ele contribuiu para definir exatamente o que essas substâncias mortíferas usadas na agricultura são, ou seja, armas de guerra contra a Natureza e contra à saúde e responsáveis pelo etnocídio de povos como os Guarani Kaiowá e



quilombolas de Cocalinho, ambos do Cerrado brasileiro. Diante da iminente aprovação do Projeto de Lei (PL) do Veneno no Senado que poderá destruir regulações públicas duramente conquistadas pela luta dessas pessoas, reafirmamos o posicionamento veementemente contrário e já amplamente divulgado.

Como mulher, bissexual e mãe não posso deixar de mencionar o aumento brutal do feminicídio no Brasil e que, em 2022, chegou ao índice de uma mulher morta a cada seis horas. E, Mato Grosso do Sul, estado que me acolheu por dez anos e onde gerei meu filho é, infelizmente, o estado mais perigoso para nós mulheres vivermos. O que não isenta os demais estados brasileiros de uma posição de convivência feminicida. É o Brasil o país mais inseguro para a população LGBTQIA+, amargando o índice do país de maior número de assassinatos dessa comunidade. Contudo, somos nós as mulheres que movimentamos a agroecologia. Somos Margaridas que se espraiam por todo o país. Esse ano mais de 70 mil mulheres representaram toda a força do trabalho e do ser mulher preta, indígena, branca, cis, trans e toda a nossa diversidade, nesse país machista, patriarcal e homofóbico. A atual diretoria da ABA reflete essa força da mulher no movimento agroecológico. Somos maioria e temos representação em todas as regiões brasileiras.

Voltamos ao Mapa da Fome, cujos dados publicados pelos dois Inquéritos Nacionais sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, organizados pela Rede PENSSAN - Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar- mostraram que em 2020 já eram cerca de 19 milhões de pessoas passando fome. E em 2021 o quadro se agravou radicalmente, com 58% da população em algum grau de insegurança alimentar e desses, 33 milhões de pessoas, cerca de 19% estavam famélicas.

E é fundamental destacar, que num país tão desigual quanto o Brasil, essas desigualdades têm raça e gênero e estão geograficamente localizadas. Nunca na história democrática desse país, o livro Geografia da Fome, publicado nos anos 50 pelo genial Josué de Castro, intelectual negro, foi tão atual. Nesse Dia da Consciência Negra, com todo o respeito que temos a essa data, explicitar que 65% dos lares comandados por pessoas pretas ou pardas convivem com restrição de alimentos em qualquer nível é imprescindível. Isso é racismo e temos que combatê-lo. O genocídio da população negra e indígena via racismo alimentar é algo que tem que estar na centralidade do debate do enfrentamento à fome e, com muito orgulho, anunciamos que aqui nesse CBA, coletivamente construímos e apontamos estratégias nesse sentido.



Os efeitos da pandemia não foram piores graças aos esforços das redes de solidariedade impulsionadas por movimentos sociais e organizações da sociedade civil. Além de promover proteção, essas iniciativas contribuíram para garantir comunicação segura - na luta contra a fábrica de *fake news* - e sobretudo no acesso a água e comida de verdade. As ações articuladas de luta contra a fome foram e são fundamentais. No campo da saúde pública, a atuação de trabalhadores e trabalhadoras do Sistema Único de Saúde - SUS foi determinante. Sem eles teríamos um quadro ainda mais catastrófico. Saudamos aos incansáveis lutadores/as por essa batalha! Viva o SUS! Viva a ação solidária comprometida com o direito humano à alimentação adequada e saudável!

Esse Congresso só foi viável por conta da força coletiva de construção descentralizada em redes de solidariedade. Sem essa força militante não estaríamos aqui. E sem ela não seguiremos adiante em nossas lutas. Esperamos que nosso XII CBA deixe muitos legados.

Em coerência com o nosso lema, Agroecologia na Boca do Povo, a comissão organizadora local fez o esforço para acolher o Congresso no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que a opção por um Congresso popular é nossa potência, nos coloca um conjunto de desafios. Ocupamos 18 espaços da cidade, incluindo dois acampamentos, o que denominamos como o Território do XVII CBA. A maioria das atividades de nosso programa será realizada no bairro Lapa, em espaços próximos à Fundação Progresso. Podemos chegar a esses espaços em caminhadas de 5 a 7 minutos. É muito importante que cada uma e cada um aqui conheça esse território para identificar onde serão realizadas as atividades. Caso tenha dúvidas, não deixem de solicitar ajuda.

Somos 42 comissões diferentes atuando na construção do Congresso. Agradecemos as companheiras e companheiros que tem se dedicado há meses para a realização deste grande encontro. O 2º Festival Internacional de Cinema Agroecológico, a Feira Nacional de Agroecologia e Economia Solidária, o 1º Festival de Arte e Cultura da Agroecologia, a Tenda Saúde, Cuidado e Cura Mayô Pataxó e a Cozinha das Tradições são totalmente abertas ao público e potentes estratégias de diálogo com a sociedade.

Iniciamos hoje a Campanha Contra a Fome, uma ação de incidência política com a oferta de alimentos agroecológicos para moradores/as em situação de rua. Ao todo distribuiremos 2.500 refeições, além de distribuição de alimentos. Celebramos como exemplo o trabalho articulado entre os governos federal e municipal com movimentos sociais para viabilizar essa importante iniciativa.



Na Cozinha da Reforma Agrária vamos oferecer café da manhã, almoço e jantar para 2.500 pessoas. Ainda que seja um esforço muito importante para viabilizar a muitas participações com qualidade, lembramos que não atende o conjunto de pessoas inscritas no Congresso. Para aqueles que podem ou querem comprar sua própria comida teremos as áreas da Comedoria, onde as grandes painéis estarão representadas, com comidas que vem de comunidades organizadas que atuam com agroecologia.

Estamos na Lapa, uma região de encontros, reduto da cultura popular carioca. Como uma expressão sintética de nosso país, este é um território de grandes contradições. Por baixo dos Arcos da Lapa, um aqueduto erguido por mãos escravizadas no século XVIII, vivem muitas pessoas em situação de rua, trabalhadoras e trabalhadores sem moradia.

Temos quatro frentes de trabalho para destacar a alimentação agroecológica no CBA: a Campanha Contra a Fome distribuirá 2.500 refeições, que já destaquei anteriormente, além de outras formas de distribuição de alimentos, envolvendo quatro cozinhas comunitárias e solidárias: a Cozinha da Lapa, a Cozinha Solidária do MTST, a Cozinha do Ação da Cidadania e a Gastromotiva, uma parceria que envolve o Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA e, como política pública, a Companhia Nacional de Abastecimento - Conab com o Programa de Aquisição de Alimentos - PAA e a Fundação Banco do Brasil - FBB com o apoio à estruturação da cozinha solidária do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST.

Somos todas e todos responsáveis pelo cuidado com cada uma e cada um de nós. Exercitemos a cooperação, a generosidade. Temos uma boa equipe de seguranças, mas ressaltamos que é importante tomar cuidado de si e com os outros.

Sejam muito bem-vindas e bem-vindos ao XII Congresso Brasileiro de Agroecologia!